

detalhe a composição psicológica destes conceitos nas suas diferentes formas, segundo os diferentes autores, de Parménides aos metafísicos actuais, e da Europa à Índia, isto é, nas metafísicas bramánicas e budistas. Mas tal trabalho, que seria longo, é estéril, por tal forma o esquema acima se aplica a todas as metafísicas.

Esta forma do processo metafísico, que a impede de regressar aos correlatos, e a polariza na abstracção de uma relação sem correlatos, é que lhe imprime o movimento ascensional sem sentalização possível na experiência, e sem a flexibilidade da ciência que sobe do sensível ao abstracto, e do abstracto desce ao sensível, num enriquecimento progressivo e numa marcha coerente. Assim o espectáculo histórico da Metafísica nos dá a idéia de uma série de balões que todos se erguem da terra e se perdem ou rebentam nos ares. E cada Metafísico, por seu turno, passa o tempo lançando aos ares bolas de sabão — a que chama deus, real transcendente, noumêno, etc. — que todos rebentam nos ares. Os balões de ciência — suas teorias — são cativos, e voltam à terra para de novo encher, e de novo subir a maiores alturas, de onde novos panoramas são contemplados em cada vez mais amplos horizontes.

(Mas a própria Ciência não está por completo expugnada da Metafísica, e encontram-se nela ainda construções psicológicas do tipo que acabámos de estudar. Examinaremos esta questão num outro trabalho).

Desta forma vemos que os resultados da análise psicológica da Metafísica, centrada na intimidade dos seus processos essenciais, conduz exactamente às mesmas conclusões que a análise lógica da linguagem (1), a saber, que a Metafísica, *vazia de conteúdo lógico, o é igualmente de conteúdo psicológico*. Os seus processos psicológicos de construção são ilegítimos, rompem com os processos psíquicos fundamentais, desvirtuam-nos e sofismam nos; tais processos representam uma rutura no encadeado geral do pensamento, e constituem assim uma espécie de observação. São por outro lado uma abreviatura ilegítima destes processos, um salto dogmático ou inconsciente ao limite, sem recuo possível, e que tudo precipita na vacuidade dos símbolos sem

conteúdo ou sem correspondência efectiva. A Metafísica, psicologicamente, é dirigida por uma tendência *à priori*, função temperamental, um determinado sentido, e em direcção a uma determinada meta; para a atingir ela força os processos mentais, inutiliza-os, e torna-os inaptos para um trabalho útil. Ela dirige-se num círculo vicioso para aquilo que *à priori* concebeu ficticiamente; e preenche este círculo com uma dialéctica psicológica construída psicologicamente como acabamos de ver.

E' um erro histórico, lógico e psicológico do pensamento. E' um *desejo* realizado à pressa com processos lógicos e psicológicos ilegítimos, precipitados, deformados e abreviados. Por esta forma a Metafísica numa auto-ilusão curiosa, julga atingir um «plano mais elevado», uma «visão superior, mais profunda», do que a ciência; por esta forma a Metafísica julga atingir uma potência transcendente, que não é mais do que um Vácuo filosófico. Este Vácuo é a passagem ilegítima ao Limite, a Relação para seus correlatos, o formalismo absoluto, preenchido ou não com intuições. O exemplo típico é o Noumêno, que é uma espécie de Vácuo preenchido paradoxalmente com uma realidade absoluta incognoscível e irrepresentável; uma «coisa em si», isto é, incondicionada e absoluta, que não é coisa nem pode ser pensada, e que assim representa um conhecimento por hipótese cu mesmo por definição, incognoscível: exemplo singularíssimo dos absurdos lógicos e psicológicos do pensar metafísico.

Fixemo-nos um momento neste exemplo. Um objecto é uma relação fixa, uma regularidade existente nas relações entre sensações; cada objecto é definido por um certo número de sensações conexas por esta relação fixa. O que há de comum nestas conexões fixas é abstraído sob o nome genérico de *coisa*. *Coisa* é pois um símbolo representativo desta abstracção. Tal símbolo e a abstracção correspondente só é válida pela existência implícita dos correlatos que o determinam, neste caso as relações correspondentes a objectos, que por seu turno só são válidas, só tem existência e significação, pela existência dos correlatos. Cortemos agora a ligação complexa existente entre a relação final e os correlatos fundamentais; separamos assim «coisa» com símbolo e conceito, dos seus

(1) Hans Hahn, Carnap, Schlick, Neurath, etc.